

## APRESENTAÇÃO

Cláudia Turra Magni<sup>1</sup>

Sylvaine Conord<sup>2</sup>

Nas trilhas do colóquio internacional Etnografias Plurais IV: Restituição e Difusão de Dados de Pesquisa, organizado pela Sociedade de Etnologia Francesa, na Universidade de *Bourgogne* (Dijon, França) em janeiro de 2014<sup>3</sup>, a Revista *Tessituras* resgata esta vasta temática para problematizar o estatuto da imagem na restituição e difusão de pesquisas em Antropologia<sup>4</sup>. Na ocasião, a possibilidade de registrar em vídeo a

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e do Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas, onde coordena o LEPPAIS (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som). Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*. E-mail: [clauturra@yahoo.com.br](mailto:clauturra@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Socióloga, membro da *Société d'Ethnologie Française*, mestre de conferências na *Université Paris Ouest Nanterre La Défense*, onde é pesquisadora no *Mosaïques (UMR LAVUE, Laboratoire Architecture Ville, Urbanisme et Environnement, CNRS, 7218)* e ensina antropologia e sociologia visual. É também fotógrafa, com experiência como fotógrafa documentarista para agências de notícias. E-mail: [sylvaine.conord@u-paris10.fr](mailto:sylvaine.conord@u-paris10.fr).

<sup>3</sup> A participação neste evento científico foi possível graças ao auxílio individual concedido pela FAPERGS.

<sup>4</sup> A coorganização deste número da revista é fruto de uma parceria de Sylvaine Connord, uma das mentoras do colóquio, com o LEPPAIS/PPGAnt/UFPel (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas) e beneficia-se ainda de comunicações apresentadas em outros eventos científicos ocorridos em 2014: o Colóquio Internacional *L'envers du Décor: émergence des formes et agencement d'existence*, organizado pelo Laboratoire d'Antropologie Sociale, no Collège de France; a 29 RBA (Reunião Brasileira e Antropologia, na UFRN, em Natal) e o 1º EIAV (Encontro Internacional de Antropologia Visual, na USP). Um especial agradecimento é devido à Sophie Bernet, pela revisão dos

## Tessituras

conferência de Françoise Zonaben, que, há duas décadas, inaugurava esta discussão<sup>5</sup>, permitiu-nos, agora, trazer ao público brasileiro uma edição deste registro, traduzido e legendado, com o duro relato de duas de suas pesquisas – uma, desenvolvida coletivamente, no interior da *Bourgogne*, entre 1968 e 1980, e outra, numa usina nuclear da Normandia – cujos resultados vêm reafirmar sua convicção de que “*jamais controlamos a restituição*”.

Tal como outras linguagens, como diz Jacques Aumont (1996), a imagem, por seu pertencimento humano e social, porta ambiguidades, sendo suscetível a interpretações distintas e - por que não dizer? - até contrárias às intenções de seu autor/emissor. Entre a realidade experimentada e os signos de que nos servimos para expressá-la, resta sempre uma distância intransponível, por ínfima que seja, de modo que pressupor uma inadequação ou refração entre signo e referente seria mais justo do que almejar uma incontestável expressão imagética e etnográfica do mundo. Essa lacuna diferencial, impossível de ser preenchida, seria comparável àquela lembrada por Claude Lévi-Strauss (1977), em termos da distância existente entre o mesmo e o outro, entre duas culturas ou duas espécies vivas, tão próximas quanto poderíamos imaginá-las. Assim, todo o investimento fotográfico ou videográfico, por mais que enriqueça, conduza ou até modifique nossas etnografias, traz consigo as características intrínsecas a elas próprias: são interpretações elevadas a múltiplas potências, que, pelo esforço descritivo do antropólogo, fabricam contextos (GEERTZ, 1989). Ou seja, a imagem incorporada à etnografia é incapaz de portar garantia de irrefutabilidade de descrições densas, que podem mesmo tornar-se irreconhecíveis e até avessas à fidelidade ambicionada pelo etnógrafo diante dos termos, lentes e *constructos êmicos*, dificilmente homogêneos, geralmente permeados por complexos interesses e relações de poder.

---

artigos em francês.

<sup>5</sup> Cf. Zonabend (1994).

Por que, então, restituir e difundir uma pesquisa, sob o risco de vermos nossos esforços de imersão numa cultura questionados e contraditos pelos próprios “nativos”? Restituímos da mesma maneira se os segmentos sociais estudados são hegemônicos e opressores ou subalternos e oprimidos dentro da estrutura hierárquica vigente na sociedade? O que é possível apreender de recepções distintas, se comparados os âmbitos locais ou globais? Como agem sobre os segmentos estudados as representações antropológicas construídas sobre o outro? Quando, onde, como, por que, para que e para quem restituir e difundir o conhecimento antropológico? Como incorporar à pesquisa os desdobramentos de sua recepção?

Talvez não tenhamos ainda respostas convincentes a estas questões, mas temos a certeza de que os artigos aqui reunidos trazem contribuições significativas sobre esta problemática, particularmente para elucidar sobre o modo como a imagem contribui para a produção, difusão e restituição da pesquisa antropológica, através de sua “maneira particular de significar e exprimir”, de “fazer pensar, sem, no entanto, submeter-se necessariamente à força exterior da *idea*” (AUMONT, 1996, p. 28). A mesma força de agenciamento da imagem é postulada por Etienne Samain (2012), e nos remete a interrogar sobre suas potencialidades no jogo interativo e dialógico, que se inicia no trabalho de campo e não acaba jamais. Como afirma Marc Piault,

esta experiência [do trabalho de campo] fica submetida à potencial interpretação permanente dos espectadores e à reinterpretção crítica daqueles que foram seus protagonistas, de modo a conduzir-nos à constituição de uma *hypercenografia* do provável ou do possível (PIAULT, 2000, p. 271).

Neste sentido, dentre as proposições a seguir, o leitor encontrará, inicialmente, as contribuições das professoras Cornélia Eckert e Ana Luíza Carvalho da Rocha, que aportam narrativas etnográficas com e por imagens, desenvolvidas por membros dos núcleos de Antropologia Visual que coordenam na UFRGS, ressaltando a indissociabilidade entre formação,

## Tessituras

pesquisa e extensão, como forma de integralizar as competências do antropólogo, incorporar o *ethos* do ofício e socializar a produção do conhecimento, parte integrante de seus compromissos éticos e sociais.

Roderick Steel, artista visual e cineasta formado pela Universidade de Boston, compartilha com o leitor suas reflexões e produções imagéticas sobre o transe e a corporalidade no Candomblé, construídas a partir da imersão etnofotovideográfica de longa duração, através da qual constituiu um *corpus* imagético capaz de demonstrar os efeitos das tecnologias numéricas na relação dos fiéis entre si e com o sagrado. Sua concepção de restituição e extroversão desta experiência etnográfica/religiosa passa pelo investimento de múltiplas mídias que interagem entre si e sensibilizam o público através da instalação de um documentário expandido em sala de exposições.

As possibilidades e os limites das tecnologias digitais na coleta, acervo, difusão e restituição da experiência etnográfica também estão no cerne do artigo de Dominique Schoeni. Para este antropólogo e museógrafo, entretanto, tais mídias e meios expositivos não atendem às formas de sensibilização do público quanto à precariedade das condições de vida dos migrantes sem abrigo instalados em antigas cabanas destinadas à jardinagem comunitária na Suíça, das quais eles foram removidos. Assim, os autores deste estudo optaram por um estilo mais concreto e realista no cenário museográfico que tenta reproduzir as condições daquelas habitações improvisadas.

Ainda em torno das novas tecnologias imagéticas, o sociólogo Fabio La Rocca, *maître de conférence* na Universidade Paul Valéry e fundador do GRIS (*Groupe de Recherche sur l'Image et la Ville*), na Sorbonne, conduz relevantes considerações a respeito da transmutação do olhar nas culturas contemporâneas, impregnadas pelo impacto de novas práticas e modos de conhecer e representar o mundo, mediados pelas imagens.

Para Aliénor Martaud, doutoranda na Universidade de Paris Oeste, Nanterre / La Défense, que busca elaborar retratos fílmicos do operário em

## Tessituras

região parisiense, a imagem, polissêmica, agrega diversos estatutos ao longo da pesquisa antropológica: de instrumento de coleta de dados à forma de restituição complexa, passando por objeto de análise. Mas é em torno da montagem fílmica que ela foca sua atenção, concebendo-a como construção de significado e modo peculiar de escrita científica, através da qual ordenamos nosso pensamento, mesmo que as formas de recepção sempre nos escapem.

Em seu trabalho de campo na zona rural da África do Sul, herdeira do regime do *apartheid*, Alex Vailati, pesquisador do NAVI/UFSC (Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem da Universidade Federal de Santa Catarina) e coordenador da TvABA (WEB TV da Associação Brasileira de Antropologia), analisa as condições e implicações políticas da produção audiovisual compartilhada junto a jovens “zulus”, atentando, particularmente, para a expressão de seu imaginário em torno das novas tecnologias e relações de poder do mundo neoliberal.

Frédérique Leresche, atriz, cantora e assistente de pesquisa do projeto *Musicians' Lives*, da Universidade Lausanne (Suíça), reflete sobre as funções metodológicas e epistemológicas do vídeo neste processo investigativo: sem restringir-se a instrumento técnico complementar ao registro escrito no diário de campo, a câmera, que aparece como o fio de Ariane, permitiu-lhe evidenciar as subjetividades das relações de gênero dentro daquele universo instrumental predominantemente masculino, em que a própria pesquisadora via-se diretamente implicada, tornando ainda visíveis, compreensíveis e restituíveis aos pesquisados, a imagem elaborada por ela a seu respeito.

Ao revisitar três de suas experiências fílmicas associadas às etnografias com travestis, transexuais e transgêneros, em Fortaleza e em Paris, durante o mestrado, doutorado e pós-doutorado, Alexandre Flemming Vale, professor do PPG em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, reivindica as condições e propriedades necessárias ao desenvolvimento de uma estética da restituição, explicitando, para tanto, os fundamentos e as

consequências heurísticas, éticas e políticas, assim como a importância dos afetos e da intersubjetividade no trabalho do antropólogo.

Carmen Rial, coordenadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI) e professora do PPGAS, na UFSC, além de presidente da Associação Brasileira de Antropologia (2013-14), busca conceitualizar a noção de restituição desde suas origens e descreve os pressupostos e frequentes empecilhos para tanto, tomando como base dois de seus filmes: “As alunas de Mauss” (2000) e “Djero encontra Iketut em Bali” (2011), no qual as autoras percorrem as trilhas de Mead e Bateson nesta ilha do Pacífico. Ela ainda ressalta o frequente descompasso, assimetria e polissemia entre o dom aportado pelos “nativos” e contra-dom do(a) antropólogo(a).

Por fim, não poderíamos deixar de ressaltar nossa satisfação em integrar nesta Revista a entrevista em vídeo filmada por Dorthée Serge e realizada pela fotógrafa e antropóloga Sylvaine Connord, *maître de conférence* da Universidade Paris Ouest Nanterre e co-responsável pela organização deste número temático da Revista Tessituras, com Philippe Bonnin, diretor do *Laboratoire Architecture Ville Urbanisme/CNRS* e da Rede JAPARCHI, além de professor da mesma Universidade francesa. Participante do colóquio de Dijon, mencionado no início desta apresentação, este antropólogo, arquiteto e fotógrafo é convidado a discorrer sobre o estatuto da imagem fotográfica na difusão e restituição em duas obras realizada sob sua responsabilidade “Imagens Habitadas: fotografia e espacialidades” (2007) e “Vocabulário da Espacialidade Japonesa” (2014).

### Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A quoi pensent les films?** Paris: Séguier, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LEVI-STRAUSS, Claude. *L'Identité', (Séminaire)*. Paris: Bernard Grasset, 1977.

PIAULT, Marc-Henri. **Anthropologie et Cinéma**. Paris: Nathan, 2000.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. São Paulo: UNICAMP, 2012.

ZONABEND, Françoise. De l'objet de la restitution en anthropologie. **Gradhiva**, n. 16, p. 3-14, 1994.